

## JORNAL DA TARDE **A roleta russa não vale**

**a pena**  
8801 1351-

A sorte está lançada. No longo e penoso confronto entre a tecnocracia e a classe política o lance do orçamento é decisivo. Nos próximos quinze dias os nossos administradores da economia terão condições de saber se os seus objetivos de política econômica podem ser alcançados via orçamento ou terão de ser procurados por outros meios. O "choque", o pacotão, ou que outro nome tenha, depende dessa avaliação.

Quem tem de tomar decisões políticas a respeito está literalmente no mato sem cachorro. Estamos pensando no presidente Sarney. É ele, afinal de contas, e em última instância, quem tem de avaliar e respaldar a política econômica em vigor. E, como todo mundo, nem ele nem ninguém tem segurança sobre os resultados dessa política. Os prognósticos que andam aí pelos jornais — otimistas ou pessimistas — têm valor zero. São atos de fé, questões de opinião. É tão fácil encontrar argumentos para apoiar a atual política econômica como para condená-la. Isso do ponto de vista técnico. A postura de cada participante do debate fica, em última análise, dependendo das suas op-

ções pessoais, das suas idiossincrasias digamos, porque nem de ideologias se trata mais. O feijão com arroz é um exercício de empirismo burocrático e não uma formulação político-estratégica. É um reformismo conservador, se se pode dizer assim. Tende a reformar os procedimentos para preservar a estrutura. Eis tudo.

Nesse esquema, aprovar o orçamento e implementá-lo é crucial. Sem isso, o resto da política econômica desmonta. Já houve concessões, está visto. As intenções iniciais eram de fazer um orçamento com déficit zero. Mas não foi isso o que saiu: saiu um orçamento com déficit de 2% do PIB. Como entre toda proposta e sua execução existe sempre uma perda de eficiência, podemos assegurar que o governo Sarney terminará seu mandato com um déficit na melhor das hipóteses igual ao previsto para este ano: 4% do PIB.

Maquiavel diria que não vale a pena. Se o príncipe tem de enfrentar incompreensões, oposições e desacatos, que seja então para uma boa causa: para obter resultados retumbantes. O que a dupla Mailson — Abreu está propondo é mais um ano de penosas, complicadas e desgastantes manobras político-administrativas, para lucro zero. O príncipe deveria dizer a eles: não meus caros, vamos fazer tudo já e agora, rápido, rasteiro e fulminante, cortar o nó górdio, ou então não vamos fazer coisa nenhuma — vamos deixar a conjuntura se deteriorar até que nos peçam pelo amor de Deus todo o óleo de ricino que temos em estoque. As soluções de compromisso, o meio termo, são válidas

quanto se dispõe de tempo e de razoável certeza de lucro.

**1 SET 1989**  
Não sei se a inflação está estabilizada ou não. Nem vou me meter nesse tipo de adivinhação. Tem coleguinha aí que faz três semanas que prevê queda para o dólar e o dólar vai subindo. É o diabo essa nova moda de quironmancia financeira que trêfegos editores de veículos de massa consideram o máximo em jornalismo econômico — e que alguns colegas desavisados compram de bom grado. Estamos na era do palpite infeliz, sem contarmos com o gênio de Noel Rosa. O que podemos afirmar com segurança é que o governo não vai poder atravessar mais de um ano com inflação nesse nível. Em algum momento, ou ela dispara ou se tomam providências drásticas para baixá-la. É melhor que isso seja feito agora do que mais tarde. Quanto mais tarde pior.

A questão, portanto, não é se esta política está certa ou errada: Não há tempo para avaliar, nem tempo para testar uma alternativa. Só há tempo para apostar e para dosar. Ora, se o presidente se decide a apostar — até porque está sem opção — então que aposte com a dose máxima. O sucesso ou o desastre aparecerão em menos tempo. As chances são meio a meio — o que significa que poderá dar desastre. Mas, depois do desastre do Plano Cruzado o que mais tem a perder esse governo?

Continuar com o meio-termo, o vai não vai, equivale ao jogo da roleta-russa, que se for bem sucedido não rende nada; e, malsucedido, custa muito.